

## A experiência de Deus segundo a Regra de São Bento

*The Experience of God according to the Rule of Saint Benedict*

D. ANSELMO CHAGAS DE PAIVA, OSB\*

**Resumo:** Na Regra de São Bento toda experiência de Deus deriva, de certo modo, da experiência que Jesus teve de Deus. O cristianismo começa a partir de uma experiência salvífica feita com Jesus Cristo, por parte dos primeiros discípulos. Esta experiência se manifestou pela partilha de vida, um seguimento, um discipulado existencial. A Sagrada Escritura mostra os vários elementos presentes nesta experiência, visando torná-la acessível às gerações futuras. A experiência de Deus vivida por São Bento e prescrita em sua Regra, permanece como norma e auxílio, para que todos os seus discípulos possam chegar à perfeição, através da união com Cristo, a que nada deve se antepor (cf. RB 72,11).

**Palavras-chave:** São Bento. Regra de São Bento. Experiência de Deus. Oração. Mosteiro.

**Abstract:** In the Rule of Saint Benedict, every experience of God derives, in a way, from Jesus' experience of God. Christianity begins with a salvation experience in Jesus Christ by the first disciples. This experience was manifested by the sharing of life, a following, an existential discipleship. Sacred Scripture shows the various elements present in this experience, aiming to make it accessible to future generations. The experience of God had by Saint Benedict and prescribed in his Rule remains as a rule and help, so that all his disciples can reach perfection, through union with Christ, to whom nothing must overcome (cf. RB 72,11).

**Keywords:** Saint Benedict. Rule of Saint Benedict. Experience of God. Prayer. Monastery.

---

\* D. Anselmo Chagas de Paiva, OSB é Doutor em Direito Canônico e Diretor da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro (FSB-RJ). Contato: [dom.anselmo@osb.org.br](mailto:dom.anselmo@osb.org.br)

## Introdução

O nascimento de São Bento é datado por volta de 480 e, quando veio a falecer no ano de 547, já estavam lançados sólidos fundamentos para a disciplina monástica, cujo principal objetivo é buscar, unicamente, a Deus (*solí Deo placere desiderans*) (S. GREGÓRIO MAGNO, 2014, II, 1). São Bento deixou como herança a sua Regra, um patrimônio que ao longo dos séculos continua a dar frutos em todo o mundo (cf. BENTO PP XVI, *São Bento de Núcia. Audiência Geral de 9 de abril de 2008*).

No segundo livro dos *Diálogos de São Gregório Magno*, lemos que a vida de São Bento estava sempre imersa numa atmosfera de oração, que era o fundamento da sua existência. Sem oração não há experiência de Deus (cf. BENTO PP XVI, *São Bento de Núcia. Audiência Geral de 9 de abril de 2008*). São Bento qualifica a Regra como “mínima, traçada só para o início” (RB 73,8); mas na realidade, ela pode oferecer indicações úteis não só para os monges, mas também para todos os que a procuram como guia, no seu caminho rumo a Deus (cf. BENTO PP XVI, *São Bento de Núcia. Audiência Geral de 9 de abril de 2008*).

A identidade do monge beneditino está neste singular serviço de Deus. Como São Bento gosta de o definir, o mosteiro é a casa de Deus (cf. RB 53,22), em especial: o monge está no mosteiro para servir o Senhor desta casa, na humildade, na obediência, na oração, no silêncio, no trabalho e sobretudo, na caridade. São Bento, com especial insistência, assinala esta virtude no seguimento de Cristo, como virtude propulsora de toda a vida monástica. O capítulo sobre os instrumentos das boas obras (cf. RB 4) nos indica a vereda propícia para a santidade (cf. S. JOÃO PAULO II, *Homilia na celebração litúrgica por ocasião do XV Centenário do nascimento de São Bento, 20 de setembro de 1980*). Como nos ensina este capítulo, o monge está, continuamente, buscando a Deus, na atmosfera da obediência e da caridade, o que faz gerar a paz e a alegria no interior do mosteiro, para que ninguém se perturbe nem fique triste, na casa de Deus (RB 31, 19).

A palavra “*experientia*”, em latim, é formada por três partículas, que são: “*ex*” (fora), “*peri*” (perímetro, limite) e “*entia*” (ação de conhecer, aprender ou conhecer). Esta expressão pode ser traduzida, literalmente, como o ato de aprender ou conhecer além das fronteiras, dos limites (cf. RHANER, 1976, p. 74). Neste sentido, a experiência de Deus se concretiza quando nos

deixamos levar para o mais profundo de nós mesmos e descobrimos o mistério Divino; consentimos que Deus faça o caminho fora de si mesmo, em direção a nós e em nós (*experire*), para assim nos atingir (cf. BÖKMANN, 2002, p. 294-295).

### **A experiência de Deus na Sagrada Escritura**

Podemos lembrar de alguns nomes importantes da Sagrada Escritura que tiveram uma forte experiência de Deus. A Carta aos Hebreus nos faz lembrar da figura de Abraão, o primeiro patriarca do povo de Israel. Ele recebeu a promessa de que Deus iria abençoar todos os povos, por meio dele. Abraão foi o antepassado de todo o povo judeu e de Jesus. Todos os que acreditam em Jesus também são considerados descendentes de Abraão (cf. Rm 4,16). Ele é guiado pela fé: Abraão, ao ser chamado, obedeceu e partiu para uma terra, que havia de receber por herança, e partiu sem saber para onde ia (cf. Hb 11, 8). Como, de fato, a sua verdadeira meta era “a cidade assentada sobre sólidos fundamentos, cujo arquiteto e construtor é Deus” (Hb 11,10). Esta cidade não está neste mundo, mas é o Paraíso, a vida eterna.

Uma outra figura importante, do Antigo Testamento, que teve uma extraordinária experiência com Deus, foi Moisés, o grande profeta e condutor no período do êxodo, desempenhando a função de mediador entre Deus e Israel, fazendo-se portador, junto ao povo, das palavras e ordens divinas, conduzindo-o à Terra Prometida, ensinando os Israelitas a viverem na obediência e na confiança em Deus, durante uma longa permanência no deserto. A sua união com Deus o faz ser intercessor do povo que havia se rebelado e, amedrontado, pelas ordens dos exploradores (cf. Nm 14,1-19), pede ao Senhor, quando o fogo estava por devorar o acampamento (cf. Nm 11,1-2) e quando serpentes venenosas faziam um massacre (cf. Nm 21,4-9); dirige-se ao Senhor e reage, protestando, quando a sua missão havia se tornado muito pesada (cf. Nm 11,10-15). Moisés vê Deus e fala com Ele “face a face, como alguém que fala com o próprio amigo” (cf. Ex 24,9-17; 33,7-23; 34,1-10.28-35).

No Novo Testamento, o Apóstolo São Paulo é lembrado como aquele que teve uma forte experiência de Deus, ao ser escolhido como sua “testemunha diante de todos os homens” (At 22,15). O momento do encontro com Cristo

ressuscitado, no caminho de Damasco, marcou a mudança decisiva da sua vida. Realizou-se então a sua completa transformação, uma verdadeira conversão espiritual (cf. At 9,10ss). Por intervenção divina, o perseguidor da Igreja de Deus ficou, inicialmente, cego, mas posteriormente, foi iluminado pelo batismo (At 9,18) e tornou-se um fervoroso apóstolo do Evangelho. Certa vez escreveu: “Tenho trabalhado mais do que todos eles; não eu, mas a graça de Deus, que está comigo” (1Cor 15,10). São Paulo foi sempre animado pela profunda persuasão de que a sua força provinha da graça de Deus que nele agia.

Nas cartas de São Paulo, depois do nome de Deus, que aparece mais de 500 vezes, o nome mencionado com mais frequência é o de Cristo, cerca de 380 vezes (cf. BENTO PP XVI, *Audiência Geral, 8 de novembro de 2006*). Olhando para São Paulo, podemos compreender o valor insubstituível da fé, que passou a ser a nova rota da sua vida, resultado do seu encontro com Cristo ressuscitado. Encontramos, expressas em suas palavras, esta nova orientação: “E a vida que agora tenho na carne, vivo-a na fé do Filho de Deus que me amou e a si mesmo se entregou por mim” (Gl 2,20). Por conseguinte, o Apóstolo já não vive para si, para a sua própria justiça. Vive de Cristo e com Cristo: entregando-se a si mesmo, não mais procurando e construindo-se a si mesmo. Na Carta aos Romanos, escreve São Paulo: “Fomos batizados na sua morte... fomos sepultados com Ele na morte... estamos integrados nele... Assim vós também: considerai-vos mortos para o pecado, mas vivos para Deus, em Cristo Jesus” (Rm 6,3.4.5.11).

Devemos inserir tudo isto na nossa vida quotidiana, seguindo o exemplo do Apóstolo Paulo, que viveu sempre com este grande alcance espiritual. Por um lado, a fé deve manter-nos numa atitude constante de humildade, perante Deus, aliás, de adoração e de louvor em relação a ele. E, de fato, devemos exclamar, como fez São Paulo: “Se Deus está por nós, quem pode estar contra nós?” (Rm 8,31). E a resposta é que ninguém “poderá separar-nos do amor de Deus que está em Cristo Jesus, Senhor nosso” (Rm 8,39).

Vale a pena ainda, lembrar de Santa Maria Madalena, discípula do Senhor, que nos Evangelhos ocupa um lugar de relevância. O Evangelista São Lucas a enumera entre as mulheres que tinham seguido Jesus, depois de terem sido “curadas de espíritos malignos e de enfermidades”, especificando que dela “tinham saído sete demônios” (Lc 8,2). Segundo a exegese bíblica, a expressão “sete demônios” poderia indicar um gravíssimo

mal, físico ou moral, que havia acometido a mulher, do qual Jesus a curou. Maria Madalena estará presente aos pés da Cruz, juntamente com a Mãe de Jesus, o Apóstolo João e outras mulheres. Ela descobrirá, na manhã do primeiro dia após o sábado, o túmulo vazio, ao lado do qual permanecerá em lágrimas, até que Jesus ressuscitado compareça diante dela (cf. Jo 20,11). A história de Maria Madalena recorda a todos uma verdade fundamental: discípulo de Cristo é aquele que, na experiência da debilidade humana, teve a humildade de lhe pedir ajuda, foi por ele curado e se colocou no seu seguimento, tornando-se testemunha do poder do seu amor misericordioso, mais forte do que o pecado e a morte.

Poderíamos ainda lembrar de muitos outros santos, que tiveram uma singular experiência de Deus, tanto no Antigo como no Novo Testamento. Não obstante as provações, as obscuridades e as adversidades, saborearam já aqui na terra, a profunda alegria da comunhão com Deus. Mas com especial destaque, lembremos ainda a Virgem Maria, com quem o Verbo encarnado viveu uma comunhão singular, confiando-se, incondicionalmente, ao seu desígnio salvífico: “Bem-aventurada aquela que acreditou, porque vai acontecer o que o Senhor lhe prometeu” (Lc 1,45). A profundidade da fé da Virgem de Nazaré, na palavra de Deus, transparece com clarividência, no cântico do Magnificat que ela pronuncia, segundo nos narra o Evangelista São Lucas: “A minha alma proclama a grandeza do Senhor e o meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador, porque olhou para a humilhação da sua serva” (Lc 1,46-48).

### **A vida monástica e a espiritualidade bíblica**

A Sagrada Escritura está muito presente na Regra de São Bento, na qual os monges encontram, inicialmente, no Ofício Divino, ao qual nada se deve antepor (cf. RB 43,3), desde as primeiras horas do dia, a recitação dos salmos, com a leitura bíblica, com alguns comentários provenientes dos Padres da Igreja, como sinal de explicação do texto escriturístico, além da breve leitura, normalmente, de alguma passagem do Antigo ou do Novo Testamento. Na Celebração Eucarística, ouvimos pelo menos uma leitura, o salmo de meditação e o Evangelho. No refeitório, o conteúdo essencial da leitura é sempre a Palavra de Deus (cf. RB 38) e o monge pode, mais uma

vez, alimentar a alma, enquanto alimenta o corpo. A Regra de São Bento ainda recomenda o trabalho e a leitura espiritual: “devem ocupar-se os irmãos com o trabalho manual, e em outras horas com a leitura espiritual” (RB 48,1). Também para os hóspedes que chegam ao mosteiro, recomenda São Bento: “Leia-se diante do hóspede a lei divina, para que se edifique e depois disso apresente-se-lhe um tratamento cheio de humanidade” (RB 53,9). É ainda prescrito que o ensinamento do Abade deve estar impregnado da Palavra de Deus: “O Abade nada deve ensinar, determinar ou ordenar, que seja contrário ao preceito do Senhor” (RB 2,4); e quando fala das qualidades requeridas para o Abade, volta a insistir São Bento: “Deve ser, pois, douto na lei divina para que saiba e tenha de onde tirar as coisas novas e antigas” (RB 64,9).

No capítulo sobre os instrumentos das boas obras, São Bento recomenda ao monge dedicar-se com boa vontade às santas leituras (cf. RB 4,55). Ele ainda é convidado a reservar grande parte do seu dia à *lectio divina*, à qual são reservados longos momentos (cf. RB 48,17-18). As regras monásticas de São Pacômio, Santo Agostinho, São Basílio e São Bento fizeram dessa prática, junto ao trabalho manual e à liturgia, a tripla base da vida monástica. A *lectio divina* tornou-se um patrimônio dos mosteiros beneditinos, como método teológico ligado, principalmente, à explicação da Sagrada Escritura. Os monges devem ser devotos, ouvintes e leitores da Palavra de Deus, como uma das suas principais ocupações. Para eles, a simples leitura do texto sagrado não deve ser suficiente para compreender o seu sentido profundo, a sua unidade interior e a sua mensagem transcendente. É preciso praticar uma “leitura espiritual”, guiada com docilidade ao Espírito Santo (BENTO PP XVI, *Audiência Geral*, 28 de outubro de 2009).

São Gregório Magno escreveu que a Escritura *crescit cum legentibus*, cresce com os que a leem, ou à força de ser lida (cf. CANTALAMESSA, 2008, p. 56). A leitura espiritual respeita esta lei. É uma leitura inovadora e criadora, como o Espírito Santo, que é seu inspirador e guia. O Prólogo da Regra de São Bento nos faz ver que a vocação ao seguimento de Cristo tem seu início por intermédio da Sagrada Escritura. Aqueles que entram para o mosteiro fazem uma experiência de Deus, no sentido de que foram tocados por uma palavra do Senhor e, a partir da qual, deram uma nova direção à sua vida. Nós escutamos com os ouvidos do coração, o que seria uma experiência interior; abrimos os olhos à luz divina; o que corresponde

a uma iluminação interior; e experimentamos a “doçura” das palavras ouvidas: “Que há de mais doce para nós, caríssimos irmãos, do que esta voz do Senhor a convidar-nos? Eis que pela sua piedade nos mostra o Senhor o caminho da vida” (RB Pról. 19-20).

Com efeito, o Senhor nos chama sempre, mas muitas vezes nós não ouvimos. Estamos distraídos com muitas atividades superficiais e às vezes temos medo de ouvir a voz do Senhor, porque pensamos que isto nos vai privar da nossa liberdade. Na realidade, cada um de nós é fruto do amor: certamente, o amor dos nossos genitores, mas mais profundamente, do amor de Deus. A Sagrada Escritura frisa: “Pode uma mulher esquecer-se daquele que amamenta? Não ter ternura pelo fruto de suas entranhas? E mesmo que ela o esquecesse, eu não te esqueceria nunca” (Is 49,15).

Muitos são tocados profundamente pela beleza do amor de Deus, e não puderam deixar de responder com toda a sua vida. Como encontraram o amor de Deus? Encontraram em Jesus Cristo: no seu Evangelho, na Eucaristia, na *lectio divina*. Na vida da Igreja descobre-se que a vida de cada pessoa é uma história de amor. Mostra-nos isto, claramente, a Sagrada Escritura, o que nos confirma o testemunho de muitos santos. É significativa a expressão de Santo Agostinho, que nas suas *Confissões* se dirige a Deus, dizendo: “Tarde te amei, beleza tão antiga e tão nova, tarde te amei! Eis que estavas dentro de mim, e eu fora... Estavas comigo, e eu não estava em ti... Chamaste-me, e venceste a minha surdez” (S. AGOSTINHO, 2002, X, 27.38).

Espontaneamente, vem à nossa mente a passagem narrada pelo evangelista São Lucas, sobre o caminhar de Jesus com os dois discípulos da aldeia de Emaús (cf. Lc 24,13-35). Inicialmente, eles não reconhecem o Cristo, que passa a explicar-lhes a Sagrada Escritura, “começando por Moisés e por todos os profetas” (v. 27), oferecendo a chave de leitura, ou seja, ele mesmo e o seu mistério pascal. Jesus abriu-lhes a mente e a inteligência para a palavra de Deus (cf. Lc 24,45). Entretanto, ao chegar à aldeia, provavelmente, à casa de um dos dois, Jesus comporta-se “como se tivesse que ir mais longe” (v. 28), mas em seguida, recebe o convite: “Fica conosco” (v. 29). Este convite deve ser, repetidamente, pronunciado por cada um de nós: “Fica conosco, Senhor”. O texto faz referência aos gestos realizados por Jesus, naquele momento: “Aconteceu que, estando sentado conjuntamente à mesa, ele tomou

o pão, abençoou-o, partiu-o e os serviu. Então se lhes abriram os olhos e o reconheceram... mas ele desapareceu” (Lc 24,30-31).

A presença de Jesus, inicialmente, com as palavras, depois com o gesto de partir o pão, oferece a possibilidade aos discípulos de Emaús de o reconhecer, e eles podem sentir de maneira nova quanto já tinham sentido ao caminhar com ele: “Não ardia, porventura, em nós o nosso coração, quando ele conversava conosco ao longo do caminho, quando nos explicava as Escrituras?” (v. 32). Este episódio nos indica dois lugares privilegiados, nos quais podemos fazer a experiência com Cristo, que transforma a nossa vida: a escuta da Palavra e o partir do Pão. São dois lugares que estão profundamente unidos, porque a Palavra e a Eucaristia se pertencem, tão intimamente, que uma sem a outra não pode ser compreendida (cf. BENTO PP XVI, 2010, n. 54-55). Cada monge é, desde o início do seu peregrinar monástico, conduzido por Cristo. É o Cristo que também caminha com cada monge, através da própria consagração monástica, que o faz ser todo de Deus, sumamente amado (cf. CIC, cân. 573 § 1).

No tempo de São Bento, a liturgia era constituída quase inteiramente pela Sagrada Escritura, concebida com uma solenidade explícita. São Bento sublinha a importância da música e dos gestos comuns. A dignidade da execução deve lhe dar o brilho da beleza (cf. RB 10-19). Os destaques que São Bento colocou nos capítulos sobre a liturgia devem tornar possível uma experiência espiritual. Com isto, ensinou à humanidade o primado do culto divino, por meio do *opus Dei*, isto é, a oração litúrgica e ritual (cf. S. PAULO PP VI, *Carta Apostólica onde São Bento é proclamado Patrono principal de toda a Europa “Pacis nuntius”*, Roma, 1964), em que se torna presente, debaixo de símbolos eficazes, o mistério de Cristo. Todos os que dela participam estão unidos no amor de Cristo, independentemente da espiritualidade própria de cada um (cf. HALFLANTS, 1985, p. 48-49).

Além disso, o ano litúrgico está inserido na vida concreta de todos os dias e permite que cada um entre melhor no mistério pascal. Na Regra de São Bento, a Páscoa é o eixo da liturgia das Horas e de toda a organização da comunidade. Pode-se presumir que este mistério seja inserido, também, na vida de cada um e assim torne possível a experiência de Deus. À Regra de São Bento não faltam caminhos e instruções para uma experiência espiritual, que nos permita crescer na intimidade com Deus, mas podemos salientar três pontos em que, segundo a Regra de São Bento, é possível sólida



intimidade com Deus: a Sagrada Escritura, a oração e a convivência fraterna (cf. BÖKMANN, 2002, p. 298).

### A Experiência de Deus através da escuta

A nossa resposta à voz divina, que nos atinge de múltiplas formas, é escutar e obedecer. A Regra de São Bento começa com a palavra “Escuta” (RB Pról. 1). O significado de ouvir remete ao sentido da audição, é aquilo que o ouvido capta. Já o verbo escutar corresponde ao ato de ouvir com atenção, obedecer. Ou seja, escutar é entender o que está sendo captado pela audição, mas, além disso, compreender e processar a informação, internamente. A raiz da palavra “escutar” vem do verbo *auscultare* em latim, postulando a ideia de inclinar o ouvido (*aus*), combinando os componentes latinos *auricula*, interpretado como orelha, e o verbo *inclinare*, entendido como inclinar.

Várias vezes ouvimos, na Sagrada Escritura, a voz do Senhor a dizer-nos: “Este é o meu Filho muito amado: Escutai-o” (Lc 9,35). Deus nos dá o seu Filho Jesus por guia e mestre e é ele que devemos escutar. Quem quer viver segundo a vontade de Deus, deve seguir Jesus, escutá-lo, acolher dele as palavras e, com a ajuda do Espírito Santo, aprofundá-las. O Senhor continua a nos falar, e precisamos estar à sua escuta. Ele nos fala através da sua Palavra, por isto diz São Jerônimo: “Ignorar as Escrituras é ignorar o próprio Cristo” (cf. S. JERÔNIMO, *Commentariorum in Isaiam libri*, Pról.: PL 24, 17). Ouvir o Filho amado do Pai significa colocar a Sagrada Escritura no centro, implica iluminar e dar aos acontecimentos e à história um significado mais profundo.

Na vida monástica, o escutar é também acompanhado pelo silêncio, para o eficaz acolhimento da Palavra de Deus. É necessário o silêncio interior e exterior, para que tal palavra possa ser ouvida. A grande tradição patrística nos ensina que os mistérios de Cristo estão ligados ao silêncio, e só nele é que a Palavra pode encontrar morada em nós (cf. BENTO PP XVI, *Exortação Apostólica pós-sinodal sobre a Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja “Verbum Domini”*, 2010, n. 66). Este princípio é válido, sobretudo para a oração pessoal, mas também para a liturgia: para facilitar uma escuta autêntica, elas devem ser também ricas de momentos de silêncio e de acolhimento. Os Evangelhos, com frequência, sobretudo nas escolhas decisivas, nos mostram Jesus a se retirar, sozinho, para um lugar afastado das multidões e dos

próprios discípulos, para rezar no silêncio e viver a sua relação filial com Deus. Portanto, a primeira direção: voltar a aprender o silêncio, a abertura à escuta, que nos abre ao próximo e à Palavra de Deus (cf. BENTO PP XVI, *Audiência Geral, 7 de março de 2012*).

Ao convidar o monge à “escuta”, São Bento deseja que, antes de tudo, possa ele escutar a Sagrada Escritura (cf. DE VOGÜÉ, 1994, p. 42). Neste sentido, o próprio prólogo nos faz lembrar de uma passagem importante do Salmo 94, com o qual iniciamos a oração das Vigílias: “Hoje, se ouvirdes a sua voz, não permitais que se endureçam vossos corações” (Sl 94,8; RB Pról. 10). Também a saudação principal que Deus dirige a Israel é esta: “Ouve, ó Israel... Escutai a minha voz, e eu serei o vosso Deus e vós sereis o meu povo; percorrei todo o caminho que vos ordenei, para que vos suceda o bem” (Jr 7,23).

A palavra “escuta” caracteriza a espiritualidade de toda a Regra de São Bento, indicando a importância da receptividade (cf. RB 53,9). O próprio São Bento revelou ser um homem que soube escutar a voz de Deus, a quem desejou agradar (cf. S. GREGÓRIO MAGNO, *Diálogos*, liv. II, Prólogo.: PL 66, 126). Já na juventude, pôs-se à escuta do Senhor, que procurava o seu operário (cf. RB Pról. 1.14), e vencendo as hesitações do espírito, percorreu caminhos “duros e ásperos” (RB 58,8), isto é, enveredou “pelo caminho estreito que conduz à vida” (Mt 7,14). Inicialmente, São Bento se isolou como eremita, em uma gruta, na região de Subiaco, Itália, para que o seu coração ficasse aberto só para Deus; movido unicamente pelo seu amor, só mais tarde constitui “a escola de serviço do Senhor” (RB Pról. 45), onde pudesse reinar o amor, a obediência, a oração e a fidelidade ao Evangelho (cf. S. PAULO PP VI, *Alocução no Mosteiro de Monte Cassino*, in AAS 56, 1964, p. 987).

O apelo de Cristo é transmitido pelo superior, como acredita São Bento e suas fontes, baseadas na Palavra de Deus. “Quem vos ouve a mim ouve” (RB 5,6.15). No segundo grau da humildade, se “imita” a voz do Senhor na obediência. A imitação, na obediência, pode-se tornar cada vez mais intensa, até que possamos viver totalmente a vida em Cristo.

São Bento se apoia na Sagrada Escritura, cada vez que trata do encontro com Cristo nos homens. O encontro do Cristo Senhor no superior é um bem monástico comum, como também nos fala a Regra do Mestre (cf. BÖKMANN, 2002, p. 302). Mas é próprio de São Bento afirmar que ele pode se revelar a um mais jovem (cf. RB 3,3; cf. Mt 11,25). Mas São Bento crê, firmemente, que Cristo quer nos encontrar nos doentes, nos hóspedes,

nos estrangeiros e nos pobres (cf. RB 36; 53). A Sagrada Escritura ainda frisa: “O que fizeste a um destes mais pequeninos, foi a mim que o fizeste” (Mt 25,40). O imperativo é então o seguinte: o máximo de cuidado e de solicitude (cf. RB 36,1; 53,15); assim a experiência de Deus pode nos ser concedida no Cristo.

Em Jesus Cristo se encontra a própria santidade de Deus, pois ele é “o santo de Deus” (Jo 6,69; Lc 4,34). São Paulo nos ensina que Cristo tornou-se para nós “justiça, santificação e redenção” (cf. 1Cor 1,30). E o Apóstolo também diz que pertencemos a Cristo, mais que a nós próprios (cf. 1Cor 6,19-20). A prescrição de São Bento aos monges: “Nada preferir ao amor de Cristo” (RB 4,21) tem um sentido sempre atual e válido para todos; e nunca podemos perdê-la de vista.

### A experiência de Deus e a oração pessoal

Para São Bento, toda oração está, indissolavelmente, ligada à *lectio divina*, e tem como base a Sagrada Escritura. Iniciamos o nosso dia, pedindo: *Domine, labia mea aperies, et os meum annuntiabit laudem tuam* (Abri Senhor os meus lábios, e a minha boca anunciará vossos louvores) (Sl 50,17). Também iniciamos as outras orações, com uma breve oração descrita por João Cassiano: “Ó Deus, vinde em meu auxílio; apressai-vos, Senhor, em socorrer-me” (cf. JOÃO CASSIANO, *Col.* X,10-11). Quem reza, constantemente, fortalece na fé e na unidade com Deus, pronto a nos ajudar e nos levantar. São Bento introduz esta oração no começo do ofício da Liturgia das Horas e no começo do serviço da semana (cf. RB 17,3; 18,1; 35,17).

São Bento encoraja uma interiorização, tanto da leitura (cf. RB 48,5) como da oração (cf. RB 19,7). Durante a liturgia, as palavras da Escritura podem ter tocado o coração, a ponto de se querer prolongar a oração; esta inclinação é mantida. A oração se passa no interior, não com voz alta e com muitas palavras, mas na contrição e pureza de coração (cf. RB 20; 52). A Palavra de Deus “transpassou” o coração (cf. RB 20,4; 49,4), de tal forma que lágrimas podem escorrer como sinais da experiência espiritual (cf. BÖKMANN, 2002, p. 303-304).

A oração deve ser breve, a não ser que talvez, a graça da inspiração divina nos leve a prolongá-la (cf. RB 20,4). Deus é previsível e pode mudar o

plano. A graça divina toca o coração e inspira alguma ação, que pode levar a pensar numa sugestão do Espírito Santo. O caminho da oração abrirá o homem para esse sopro divino e a vida se tornará simples (cf. RB 52,4). Com razão, pode-se interpretar isto como uma experiência de Deus, que São Bento descreve com tanta transparência na sua Regra. A experiência de Deus na oração leva ao encontro de Deus nos homens, manifestado no acolhimento dos hóspedes que chegam ao mosteiro, especialmente nos pobres e estrangeiros (cf. RB 53,15).

Ao apresentar-se um postulante à porta do mosteiro, São Bento espera dele, como primeira e fundamental condição, que procure Deus (cf. RB 58,7). Este é o primeiro critério de uma verdadeira vocação, saber se a pessoa busca, verdadeiramente, a Deus. Entra-se no mosteiro para encontrar Deus, por isto São Bento pretende conduzir o discípulo pela trilha do evangelho, até a visão de Deus (cf. RB Pról. 21).

São Bento espera um progresso espiritual daquele que chega ao mosteiro, a partir de um começo penoso (cf. RB Pról. 47), mesmo com possíveis crises, tentação de desistir, afastar-se ou abandonar o projeto de ingresso na vida beneditina (cf. RB Pról. 48; 48,24; 64,19). O percurso da provação inicial (cf. RB Pról. 1,3,6;7,40) até os cumes possíveis da perfeição (cf. RB 73,2.9) assemelha-se à via cristã conduzida pela Sagrada Escritura. Quanto mais a pessoa estiver determinada a progredir no seu itinerário espiritual, tanto mais ela se ocupará, ao mesmo tempo dos outros, para que eles também tenham progresso no objetivo. O capítulo 72 termina, dizendo: “Absolutamente, nada preferir ao amor de Cristo, que quer nos conduzir juntos para a vida eterna” (RB 72,11). Com esta expressão, São Bento quer enfatizar que Cristo é o verdadeiro caminho para a vida eterna. Ao nos conduzir por esta direção, Cristo o faz junto conosco. São Bento procura centralizar tudo no Cristo, porque sabe que o Cristo nos conduzirá juntos ao Pai. Mas não sente necessidade de descrever as etapas, apenas faz uma breve alusão.

Deus é o autor de todo o bem em nós, por isso damos glória ao seu nome, como recomenda São Bento, inspirando-se nos ensinamentos do Apóstolo São Paulo, que não atribuía a si próprio coisa alguma de sua pregação, quando dizia: “Pela graça de Deus sou o que sou” (1Cor 15,10; cf. RB Pról 31). Com isto, queria ele frisar que sem a graça de Deus, não somos nada; por isto, sublinha: “Quem se glorifica, que se glorifique no Senhor” (2Cor 10,17; cf. RB Pról 32). A Sagrada Escritura não fala apenas a nós, ela fala também por nós e se torna

viva em nós. Toda a experiência de Deus se desenvolve sobre esta base. Assim, o acesso beneditino à experiência de Deus é pela oração, pela vivência dos sacramentos e pela *lectio divina*.

## Conclusão

A experiência de Deus, segundo a Regra é, a maior parte das vezes, comunicada pela Sagrada Escritura que, como a própria Regra, quer levar à conversão, à obediência, à comunhão e à participação em Cristo. Cristo é o centro da Sagrada Escritura e também da Regra de São Bento, que nos proporciona momentos fortes de união com Deus. A experiência de Deus em Cristo é vivida por intermédio da Sagrada Escritura e da convivência com os irmãos, com os quais habitamos, e com as pessoas que visitam os nossos mosteiros.

A oração reforça, em nós, a fé em Deus todo-poderoso, e na sua palavra. São Bento mostra duas direções: para o interior (cf. RB 20,4) e para os homens, estendendo-se mesmo a todas as coisas, de forma que Deus seja, finalmente, glorificado em tudo. Na Carta de São Pedro encontramos: “Em tudo seja Deus glorificado por Jesus Cristo” (1Pd 4,10-11). Esta expressão bíblica, que em sua aplicação geral se tornou uma expressão simbólica de toda a ordem beneditina, está presente no capítulo 57, sobre os artistas do mosteiro (cf. RB 57,9). Trata-se do momento em que o monge entra em contato não só com as pessoas do século, mas também no campo administrativo.

O *opus Dei*, por sua natureza e essência, é a glorificação de Deus; também a vida monástica, como trabalho manual e estudo, traz esta sublime finalidade espiritual, “para que em tudo seja Deus glorificado”. Esta frase se invoca para fazer parte da orientação sobrenatural, e também como identidade das relações monásticas. Cumpre aqui, realmente, sua finalidade, mostrando que nada existe na vida do monge que não deva ser, incondicionalmente, orientado para Deus. Este é o Desejo de São Bento, que todos os trabalhos e empreendimentos, juntamente com tudo o que constitui seu sentido e riqueza, desde o *opus Dei* até o aproveitamento dos trabalhos dos monges, há que ser uma única glorificação de Deus (HERWEGEN, 1953, p. 326-327). Não apenas as pessoas, mas todas as coisas podem se tornar sacramento da presença de Deus.

E pode-se glorificar a Deus em tudo (cf. RB 57,9), mesmo no trabalho material e na venda dos produtos produzidos no mosteiro.

Com isto, São Bento vincula o trabalho realizado à glorificação de Deus. No capítulo sobre o celeireiro, todos os objetos do mosteiro são designados como vasos sagrados do altar (cf. RB 31,12). Quando os monges estão em paz com eles mesmos e com Deus, tudo brilha no esplendor da *gloria Dei*. Este é o significado de toda ação humana (cf. BÖKMANN, v. 3, 2015, p. 127-128).

Temos um reflexo disso na abreviação latina: UIOGD, usada algumas vezes, ou frequentemente, em círculos monásticos. É uma sigla que, normalmente, colocamos no final das cartas, na conclusão dos nossos livros litúrgicos, exortações etc. É como um slogan beneditino, que pode nos ajudar a lembrar o que realmente queremos e de que necessitamos. Este slogan concorda com a definição do mosteiro como “Casa de Deus”. Qualquer serviço realizado no mosteiro, ou pelo mosteiro, deve estar associado à vontade de Deus (cf. *Ibidem*, p. 128).

Os critérios da experiência autêntica de Deus são, particularmente, claros: a base é a fé, vivida na comunidade e nos acontecimentos objetivos, na humildade e na alegria. A fé leva ao serviço despojado de si e à obediência, como imitação do Cristo. Na vida de São Bernardo, escrita por seu discípulo Guilherme de Saint-Thierry, lê-se que, em determinadas circunstâncias, o santo se interrogava: “Bernarde ad quid venisti?” (Bernardo, a que vieste?). Isto o ajudava a reencontrar o sentido e a finalidade de sua vida monástica, em meio às múltiplas atividades (cf. CANTALAMESSA, 2008, p. 57).

Em comum com a tradição cenobítica, a experiência de Deus não é diretamente visada na Regra, mas é tornada possível e é descrita nos seus efeitos. A base é colocada, os obstáculos tirados. Neste sentido, a Regra de São Bento é, tendo em vista também uma experiência de Deus, um manual.

## Referências

BENTO PP XVI. *Audiência Geral, 8 de novembro de 2006*. Disponível em: w2.vatican.va. Acesso em: 10 fev. 2020.

\_\_\_\_\_. *Audiência Geral, 28 de outubro de 2009*. Disponível em: www.vatican.va. Acesso em: 10 fev. 2020.

\_\_\_\_\_. *Audiência Geral, 7 de março de 2012*. Disponível em: [w2.vatican.va](http://w2.vatican.va). Acesso em: 10 fev. 2020.

BENTO PP XVI. *Exortação Apostólica pós-sinodal sobre a Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja “Verbum Domini”*, Roma, 2010.

\_\_\_\_\_. *São Bento de Núcia. Audiência Geral de 9 de abril de 2008*. Disponível em: [w2.vatican.va](http://w2.vatican.va). Acesso em: 10 fev. 2020.

BÖKMANN, A. *Commentaire de la Règle de Saint Benoît*, v. 3, Paris, 2015.

\_\_\_\_\_. *L'expérience de Dieu selon la Règle de Saint Benoît*, in *Apprendre le Christ à l'écoute de Saint Benoît*, Bellefontaine, 2002.

CANTALAMESSA, R. *Escuta! O que diz o Espírito à Igreja*, in *Boletim da AIM*, 93, 2008, p. 52-59.

DE VOGÜÉ, A. *O que diz São Bento*, Belo Horizonte, 1994.

HALFLANTS, A. *Nada antepor ao amor de Cristo (RB 4,21)*, in *Em Comunhão X*, 1985, p. 44-49.

HERWEGEN, I. *O sentido e espírito da Regra de São Bento*, Rio de Janeiro, 1953.

JOÃO CASSIANO. *Col. X*, 10-11

RHANER, K. *Sacramentum Mundi – Enciclopedia Teológica*. Tomo III. Barcelona, 1976.

S. AGOSTINHO. *As confissões*, São Paulo, 2002.

S. GREGÓRIO MAGNO. *São Bento, vida e milagres*, Rio de Janeiro, 2014.

S. JOÃO PAULO II. *Homilia na celebração litúrgica por ocasião do XXV Centenário do nascimento de São Bento, 20 de setembro de 1980*. Disponível em: [w2.vatican.va](http://w2.vatican.va). Acesso em: 10 fev. 2020.

S. JERÔNIMO. *Commentariorum in Isaiam libri*, Pról.: PL 24, 17.

S. PAULO PP VI. *Alocução no Mosteiro de Monte Cassino*, in *AAS* 56, 1964, p. 987-989.

\_\_\_\_\_. *Carta Apostólica onde São Bento é proclamado Patrono principal de toda a Europa “Pacis nuntius”*, Roma, 1964.

Artigo recebido em 11/02/2020 e aprovado para publicação em 17/02/2020

ISSN 1677-7883

DOI: <http://dx.doi.org/10.31607/coletanea-v19i37-2020-1>

**Como citar:**

CHAGAS DE PAIVA, A. A experiência de Deus segundo a Regra de São Bento. *Coletânea: Revista de Filosofia e Teologia da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 37, p. 15-30, jan./jun. 2020. Disponível em: [www.revistacoletanea.com.br](http://www.revistacoletanea.com.br)